

## Discurso, Extrema Direita e Educação Digital: narrações da história brasileira pela “Nova Direita”

*Discourse, extreme Right and Digital Education:  
narrations of Brazilian history by the “Nova Direita”*

Vinícius Finger

 <https://orcid.org/0000-0001-6384-8744>  
Universidade de Santa Cruz do Sul

**Resumo:** Nas últimas décadas, testemunhamos o crescimento de movimentos de extrema direita capazes de alcançar as maiores instâncias do poder político nacional e internacional, reorganizando o mapa político do país e do mundo. Essa onda ultraconservadora aproveitou-se da popularização e da atual leniência jurídica para com as plataformas digitais na internet, para construir uma rede de disseminação de narrativas e saberes anticientíficos. A assim chamada, “Nova Direita” brasileira, buscou inspirações discursivas no também movimento de extrema direita norte-americano, a “Alt-Right” (direita alternativa), como da mesma forma, reaproveitou antigas temáticas e conceitos de organizações de extrema direita do pós-segunda guerra mundial para reafirmar conceitos ultraconservadores. No campo da educação, é de interesse dessa pesquisa observarmos como se constitui no meio discursivo ultraconservador da Nova Direita, as narrativas sobre a história brasileira e suas reverberações na sociedade atual. Para esse intento, se utilizou das ferramentas de análise do discurso, oriundas da obra filosófica de Michel Foucault.

**Palavras-chave:** Discurso. Nova Direita. Extrema Direita. História Brasileira. Educação.

**Abstract:** In recent decades, we have witnessed the growth of far-right movements capable of reaching the highest levels of national and international political power, reorganizing the political map of our country and the world. This ultra-conservative wave took advantage of the popularization and the current legal leniency towards digital platforms on the internet, to build a network for the dissemination of anti-scientific narratives and knowledge. The so-called, Brazilian “New Right”, sought discursive inspirations in the also American extreme right movement, the “Alt-Right” (alternative right), as well as, in the same way, reused old themes and concepts of extreme right organizations of the post-World War II to reaffirm ultraconservative concepts. In the field of education, it is of interest to this research to observe how narratives about Brazilian history and their reverberations in today's society are constituted in the ultraconservative discursive environment of the New Right. For this purpose, discourse analysis tools were used, derived from the philosophical work of Michel Foucault.

**Keywords:** Discourse. Brazil New Right. Far Right. Brazilian History. Education.

### Introdução: a “Nova Direita” online

Na ocasião de sua morte, em fevereiro de 2022, o astrólogo e ensaísta Olavo de Carvalho recebeu homenagens públicas de diversos políticos e personalidades do meio



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

conservador brasileiro. Em seu nome, foi decretado pelo Presidente da República brasileira, Jair Messias Bolsonaro, luto oficial de três dias. Homenagem tradicionalmente reservada a figuras políticas, celebridades, ativistas e personagens públicos relevantes no cenário político nacional. Bolsonaro, que já havia condecorado o filósofo com a Grã-Cruz da Ordem do Rio Branco, reafirmava com a nova homenagem póstuma o grande papel de influência do chamado “guru” político do presidente, radicado nos Estados Unidos da América. Olavo de Carvalho talvez tenha sido a única personalidade de consenso na recente estruturação do movimento conservador brasileiro, a “Nova Direita”. Tendo alcançado a fama através de seus “cursos” online pelo Youtube e o Facebook, ele obteve em vida apoio tal de sua *fanbase* digital que foi capaz de impor sua presença no debate político nacional. Ao fim de sua vida, atacado pela doença que defendeu não existir, Olavo de Carvalho deixou diversos “órfãos” políticos, desejosos de herdar seu legado e mais importante, sua legião de fãs e seguidores digitais.

Ao estudarmos a recente organização do movimento ultraconservador brasileiro, devemos nos atentar para suas continuidades e alinhamentos com o fortalecimento global da extrema direita. Antes da internet, militantes de grupos desse tipo teriam que vivenciar sua participação de modo físico e dependendo da sua realidade material para integrar tais grupos. Entretanto, atualmente o espaço digital, permite que:

[...] do conforto e segurança de suas próprias casas, os ativistas de extrema direita podem se engajar na política assistindo a vídeos no YouTube, acessando sites de extrema direita, batendo papo em fóruns, conversando por meio de serviços de chat de voz como o Discord e tentando converter usuários nas principais plataformas de redes sociais, como o Twitter e o Facebook” (MULHALL, 2022, p. 25).

Possibilidades de comunicação da rede global, que propiciaram a constituição de um movimento transnacional de extrema direita mundial. Assim, diversos eventos e personagens participaram ou contribuíram, de algum modo, para a formação discursiva que nos adequamos no momento a chamar de “Nova Direita”. O uso desse termo não desconsidera as continuidades da recente organização da extrema direita nacional, com os movimentos ultra-conservadores contemporâneos ou mesmo antigos projetos políticos de grupos de extrema direita brasileiros. A ideia de uma “nova” direita nacional, adotada e defendida por personagens como o próprio Olavo de Carvalho e seus “seguidores”, aponta a necessidade do recente movimento conservador brasileiro de se distinguir de outras manifestações anteriores. Como estratégia de marketing político, demonstra o intento de agregar novos elementos da cultura de internet no conservadorismo, assim como buscar formar jovens militantes para organizações ultra-conservadoras.

A figura e a trajetória intelectual de Olavo de Carvalho merece destaque, não apenas por seu crescimento midiático acompanhar a popularização de ideais ultraconservadores no país, mas por ajudar a nutrir e a disseminar conceitos próprios ou reimaginados do ultraconservadorismo estrangeiro no espaço digital nacional. A carreira do “guru” conservador, da mesma forma representa o movimento que algumas ideias e sensibilidades ultraconservadoras, realizaram no debate público e político dos últimos anos. Conceitos considerados inadequados na nova democracia encontraram espaço de rápida transmissão pela internet, promovidos por um “populismo digital”, que cresceu na medida da digitalização da política global e nacional (CESARINO, 2019, p. 533).

Nesse sentido, nos últimos anos, o ideário ultraconservador passou a influenciar debates públicos sobre a cultura, arte, mídia, política, economia e educação no país. Pautas

como a diminuição da maioria penal, a criminalização do aborto, a defesa da pena de morte, a ampliação da venda e porte de armas de fogo, o casamento homoafetivo, a adoção de crianças por casais homoafetivos, o reconhecimento de pessoas transgênero etc. Olavo de Carvalho, tal como seu ideário radical, conseguiu se inserir em espaços de destaque da mídia brasileira. Sua obra tornou-se conhecida pelos *insiders* da cultura ultraconservadora, assim como seus *outsiders* de extrema direita. Atuação marcada por defender valores ultraconservadores incompatíveis com a democracia, enquanto gozava de aporte e celebridade nacional.

Os livros de Olavo de Carvalho “A Nova Era e a Revolução Cultural” (1994), “O Jardim das Aflições - de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o Materialismo e a Religião Civil” (1995) e “O Imbecil Coletivo” (1996), juntamente com a sua coletânea de textos escritos entre 1997 e 2013 em diversos veículos da mídia nacional, organizados pelo jornalista e discípulo Felipe Moura Brasil, “O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota” (2013), representam o núcleo de sua obra. A isso, podemos somar os mais de 570 videoaulas gravadas e vendidas em seu curso online por 60 reais ao mês (valor até 2022), seus ensaios quase diários em seu blog e seus mais de meio milhão de seguidores no Facebook<sup>1</sup>.

Assim como Olavo de Carvalho, precisamos destacar aqui outros grupos que atuam na internet e na mídia *mainstream* como portais de disseminação do ideário ultraconservador. Organizações que, assim como ele, gozam de reconhecimento e espaço em plataformas digitais, eventos políticos nacionais e editoriais da mídia corporativa. Grupos que foram normalizados pela mídia e as instituições políticas nacionais da atualidade. Sendo estas: a empresa de mídia *Brasil Paralelo*, a organização política *Movimento Brasil Livre - MBL* e o *Instituto Mises Brasil*. Todas com sólida presença online e influenciadores de comportamentos e debates no campo reacionário da política nacional.

A *Brasil Paralelo*, nome fantasia da empresa BRASIL PARALELO ENTRETENIMENTO E EDUCAÇÃO S/A, funciona como portal digital, produtora e provedora de conteúdos online. Fundada em 2016, é constituída como uma sociedade anônima gerenciada por seus três fundadores, Henrique Leopoldo Damasceno Viana (atual Diretor), Filipe Schossler Valerim e Lucas Ferrugem de Souza. A empresa atingiu grande destaque nos anos recentes através de suas séries documentais produzidas e veiculadas por seu canal na plataforma digital do YouTube. Atingindo 1 milhão de inscritos em 2019, a empresa hoje (2022) possui mais de 2,93 milhões de inscritos em seu canal do YouTube. Sua série documental de maior sucesso, “Brasil Paralelo: a última cruzada”, com 6 episódios documentais com variação de 50 à 60 minutos, lançada a partir de 2017, atingiu milhões de visualizações no YouTube, recebendo em 2022 novo lançamento remasterizado em HD.

Inicialmente atuando como voz crítica a qualquer incentivo governamental a políticas educacionais e em especial às diretrizes curriculares do ensino de história do Ministério da Educação - MEC, a *Brasil Paralelo* firmou parceria com o canal *TV Escola* sob controle do MEC, após a eleição de Jair Bolsonaro, para reprodução de sua série histórica. Além da aproximação com o governo federal, a *Brasil Paralelo* ampliou sua biblioteca de conteúdos digitais (atualmente conta com mais de 1.777 vídeos no YouTube), assim como outros materiais exclusivos em seu site. Nele, disponibiliza serviços de *streaming* de filmes “bons e confiáveis” para a família conservadora, assim como conteúdos exclusivos e cursos online.

---

<sup>1</sup> Ver link: <<https://olavodecarvalho.org/>>. Acesso em: 10/08/2022.

Seus pacotes de serviços variam entre valores a partir de 10 reais ao mês (plano patriota), até 59 reais ao mês (plano premium de acesso total)<sup>2</sup>.

Fundado no primeiro dia de novembro de 2014, o *Movimento Brasil Livre* - MBL, surgiu como consequência direta das jornadas de manifestação antigoverno que ocorreram pelo país em 2013. Inicialmente promovidos pelo Movimento Passe Livre - MPL, manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus na cidade de São Paulo, receberam grande atenção da mídia nacional e rápido engajamento nacional. Ao se espalharem pelo país, se transformaram em manifestações antigoverno, contra investimentos na Copa das Confederações (2013) e Copa do Mundo do Brasil (2014), anticorrupção, críticos aos partidos políticos, à mídia nacional etc. De modo geral, as jornadas de 2013-2014, foram caracterizadas pela não-centralização de manifestações e pela multiplicidade quase contraditória de suas pautas (MACHADO; MISKOLCI, 2019, p. 949). O apoio recebido por organizações políticas e de mídia conservadora ao MBL, logo após sua fundação, ajudou a suprir o espaço vacante de liderança das manifestações. Momento de transformações das manifestações, de críticas abstratas sobre os governos estaduais e nacionais, para em específico: a crítica ao governo da presidenta Dilma Rousseff.

Atualmente, o MBL possui como seus membros políticos eleitos em todo país, sendo os de maior reconhecimento: o deputado federal Kim Kataguirí (União Brasil), o vereador de São Paulo Fernando Holiday (Partido Novo) e o ex-deputado estadual de São Paulo Arthur do Val (Democratas). Suas mídias sociais somam mais de 3 milhões de “seguidores” e seu site vende camisetas, bugigangas, cursos (Academia MBL), palestras e filmes *on demand* para seus inscritos<sup>3</sup>. Em sua própria plataforma digital, o grupo define seus objetivos como a defesa da “liberdade individual, a propriedade privada e o Estado de Direito como conceitos fundamentais de uma sociedade que se propõe a ser livre, próspera e justa” (MOVIMENTO BRASIL LIVRE, 2022).

Por fim, apontamos o *Instituto Ludwig von Mises Brasil* ou simplesmente, *Instituto Mises Brasil* - IMB. Fundado em 2007 e presidido desde então por Hélio Coutinho Beltrão (filho do três vezes ministro, economista e ex-presidente da Petrobrás durante o Regime Militar, Hélio Beltrão), o IMB é um *think tank* conservador que acredita que sua visão “de uma sociedade livre deve ser alcançada pelo respeito à propriedade privada, às trocas voluntárias entre indivíduos, e à ordem natural dos mercados, sem interferência governamental” (INSTITUTO MISES BRASIL, 2022). O instituto tem como foco de atuação a publicação diária de notícias econômicas e políticas, artigos, formação de grupos de debate online, conferências econômicas, publicação de livros e estudos guiados. Em seu formato “Mises Academy”, a organização oferece cursos de Pós-Graduação EAD em *Economia da Escola Austríaca*; em *Direito, Ciência Política e Liberalismo*; *Negócios, Graduação e Startups*<sup>4</sup>.

Em meados dos anos 2000, logo após sua fundação, o IMB e demais organizações “ultraliberais” do tipo, anteviam mais do que a criação de *think tanks* pró-livre mercado, objetivavam proteger o Brasil do que entendiam como a “ameaça vermelha petista”. Desenvolveram-se e expandiram suas ações em conjunto com o crescimento do anti-petismo e do lava-jatismo da década de 2010 e atingiram sua apoteose durante a eleição de Jair Bolsonaro (ROCHA, 2021, p. 112-130). A propósito, grupos como o MBL e IMB, apesar de autoprotelados defensores da “liberdade de expressão”, tanto não viram problemas com a retórica autoritária e as apologias à tortura e repressão política do período ditatorial

<sup>2</sup> Ver link: <<https://site.brasilparalelo.com.br/portal-assine/>>. Acesso em: 16/08/2022.

<sup>3</sup> Ver link: <<https://mbl.org.br/>>. Acesso em: 14/08/2022.

<sup>4</sup> Ver link: <<https://misesacademy.com/#cursos>>. Acesso em: 20/08/2022.

brasileiro por parte do campo bolsonarista, como diretamente organizaram ações de censura contra opositores ou setores progressistas da sociedade. Caso do envolvimento do MBL no boicote e posterior censura a exposição do "Queermuseu: Cartografias da Diferença na Arte Brasileira"<sup>5</sup>, assim como a organização do assédio moral sofrido pela pesquisadora Judith Butler quando esta visitou o Brasil<sup>6</sup>.

O que é comum em todos estes núcleos de difusão de saberes ultraconservadores são seus objetivos de ofertar formação educacional aos seus "seguidores". Sem nenhum historiador respeitado, Grupo de Pesquisa, PPG ou revista acadêmica científica como membro ou parceira, revela a pouca importância concedida por estes núcleos intelectuais do conservadorismo nacional para com a produção historiográfica das universidades brasileiras. Por isso, focamos nossa análise sobre a "Nova Direita" brasileira a partir da presença online de Olavo de Carvalho, da *Brasil Paralelo*, do MBL e do *Instituto Mises Brasil*, por entendermos que o espaço midiático ocupado por esses exemplifica o modo de disseminação recente do ideário ultraconservador nacional.

No caso, como a promulgação através da internet desses discursos de extrema direita influencia a reprodução de noções e entendimentos anticientíficos sobre a história do Brasil? Partimos do princípio de que o processo de disseminação de narrativas anticientíficas sobre a história do Brasil ocorre no espaço online a partir de núcleos de mídias digitais que atuam através de diferentes movimentos de "captura" e "aprofundamento" dos meios de reprodução discursiva. Melhor dizendo, apontamos aqui a relação entre a promoção de versões narrativas de maior apelo ao grande público, como modo de instigar a reprodução de conceitos e valores de extrema direita sobre a história do Brasil e do mundo. Movimentos que partem da veiculação de narrativas, ideias e conceitos mais "palatáveis" para a audiência de massa, mas que eventualmente, atingem uma forma mais radical, através de conteúdos mais antagônicos ao conhecimento científico, os direitos humanos e o Estado de direito.

Desse modo, o estudo das narrativas ultraconservadoras encontradas tanto em mídias tradicionais, como novos espaços digitais, se desenvolve como uma *espiral de cooptação* de desejos conservadores. Inicialmente, são enunciados apresentados como inocentes divagações filosóficas ou simples interpretações variantes de versões de fatos ou eventos reais por seus interlocutores. Como se estas dúvidas sobre o pensamento científico fossem apenas questões evitadas pelo "politicamente incorreto" liberal, ou na forma de denúncias sobre supostos planos para esconder as "verdades" do povo e/ou por serem reprimidas pelos "verdadeiros donos do poder". Chegando ao seu total desenvolvimento no momento em que apresentam teorias abertamente anticientíficas, milenaristas, conspiracionistas, anti-semitas/racistas e finalmente, neofascistas.

O movimento de radicalização promovido pela espiral de desinformação ultraconservadora pode ser exemplificado através dos termos utilizados na linguagem de internet para classificar aqueles supostos "iluminados" sobre as verdades do mundo. Originário do movimento *Incel - involuntary celibates* (celibatários involuntários)<sup>7</sup> e relacionado com a chamada "*manosphere*"<sup>8</sup> da internet, os "*red pill*" são exemplificações dos

---

<sup>5</sup> Ver link: <<https://exame.com/brasil/exposicao-queermuseu-abre-no-rio-com-protestos-do-mbl-e-da-liga-crista/>>. Acesso em: 16/09/2022.

<sup>6</sup> Ver link: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/573415-judith-butler-o-mbl-e-o-fim-da-democracia>>. Acesso em: 16/09/2022.

<sup>7</sup> Auto-definida comunidade online de pessoas, em sua maioria homens heterossexuais, que seriam incapazes de encontrar parceiras românticas e/ou sexuais.

<sup>8</sup> Conhecida também como "machosfera", é uma subcultura da internet focada na defesa dos ideais masculinos heterossexuais, do patriarcado e crítica ao feminismo e a suposta feminização das sociedades ocidentais.

estágios de radicalização de sujeitos na internet. Inspirado no filme “Matrix”, de 1999, escrito e dirigido pelas irmãs Wachowsky, são comumente caracterizados como: “*blue pill*” (pílulas azuis) aqueles que ainda estariam presos a versão de mundo promovida pelo globalismo e/ou feminismo e/ou a ONU e/ou o marxismo cultural etc.; os “*red pill*” (pílulas vermelhas) aqueles que já iniciaram sua jornada para fora da “matrix” de mentiras promovidas pelas forças internacionalistas e/ou comunistas e/ou feministas do mundo; e os “*black pill*” (pílulas pretas) já conhecedores da verdade ultraconservadora e dispostos a atuar como combatentes na guerra secreta contra as sociedades e valores judaicos-cristãos/ocidentais/europeus/brancos/heterossexuais<sup>9</sup>. Nesse contexto, as obras e cursos de Olavo de Carvalho, da *Brasil Paralelo*, do MBL e do *Instituto Mises Brasil*, funcionam como portais para a radicalização da mídia, de eleitores e da própria política brasileira dos últimos anos. Atuam no *mainstream* midiático, como verdadeiros portais de captura rumo ao aprofundamento de seus “estudos”, para o ideário anticientífico e neofascista nacional.

São lugares online que buscam cativar públicos mainstream e não-radicais do conservadorismo brasileiro, mas que atuam no sentido da radicalização para extrema direita, na medida que seus estudos são aprofundados em outros espaços online. Como buscam apresentar visões de mundo abrangentes e simplificadas, é natural que se utilizem de versões históricas para sua fundamentação. Em todos os grupos apontados, notam-se projetos de “educação” da história brasileira a partir de versões ultraconservadoras. Reproduzem narrativas e interpretações históricas, pautadas não no fazer científico, mas sim em sensibilidades do senso comum e do populismo online, capazes de serem reproduzidas pela comunicação de mídia de massa. Discursos que apenas encontraram completude nos territórios mais radicalizados da internet.

#### **A “Verdadeira História do Brasil”: um estudo de caso.**

Após observarmos alguns dos mais populares lugares da rede digital ultraconservadora, gostaríamos de focar nosso olhar sobre um pequeno site da internet brasileira, o *Instituto Licentia - ILIC*. Fundado e presidido por Márcio Pichel, o site vende pacotes de conteúdos e cursos online de diversos temas: *Curso de brokers: treinamento em mercado internacional*; *Conspiratorium + Resurgentis: curso online de filosofia, história e geopolítica*; *Capitalismo Reverso: aprenda e transformar (sic) seu dinheiro em soberania para uma vida mais livre e auto suficiente!*; *Format - Cosmologia e Ciência: estudos sobre o formato da Terra*; *Essencial da gramática inglesa: aprenda inglês de verdade*; e, *Verdadeira História do Brasil*. Quanto ao último curso, gostaríamos de focar nossa análise discursiva sobre o processo de radicalização da extrema direita online brasileira.

Sobre a análise discursiva, objetivamos instrumentalizar aqui a análise interpretativa de diversas práticas de enunciados presentes na discursividade da “Nova Direita” brasileira, que possam ser ordenados em específico contexto formativo. Michel Foucault, aponta como se utilizar deste tipo de método de análise:

[...] trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui (2008, p. 31).

---

<sup>9</sup> Ver link: <<https://theconversation.com/the-matrix-how-conspiracy-theorists-hijacked-the-red-pill-philosophy-174935>>. Acesso em: 19/08/2022.

Abordar falas, ditos, escritos, visualidades, sonorização, *memes* e até mesmo silenciamentos (o não-dito) do movimento ultraconservador brasileiro em suas práticas online, permite que tenhamos relações de continuidade e descontinuidade entre diferentes vozes e organizações. Por esse método, uma aula de Olavo de Carvalho pode ser complementada, em seu entendimento, por um *meme* do MBL ou documentário da *Brasil Paralelo*. Se pode ser descrito, tal método de ordenação de práticas enunciativas (análise do discurso), objetiva um coletivo de ações de enunciar sentido para algo (enunciados), capazes de se dispersarem como conceitos, escolhas temáticas, regularidades, um tipo de ordem, de correlações, de posições, de funcionamentos e transformações, constituintes de uma específica formação discursiva (FOUCAULT, 2008, p. 43).

A análise discursiva aqui proposta sobre o tema, então, permite que possamos tecer correlações entre enunciados separados em diferentes formas de mídia, mas que se relacionam, complementam e integram um tecido enunciativo comum. A análise de discurso, nesse sentido, possibilita que possamos explorar a justaposição de signos imagéticos, sonoros, escritos e temáticas narrativas repetidas. Justamente essa característica da análise discursiva que melhor se adapta ao espaço digital contemporâneo. A atividade de analisar, caracterizar e descrever um enunciado que faz parte de um discurso, é portanto, demonstrá-lo como um “acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. O que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a uma certa formação discursiva” (FISCHER, 2001, p. 202).

Quanto a isso, temos o discurso da extrema direita online brasileira como objeto deste estudo. Contudo, não é apenas o radicalismo de propostas, a negação de valores humanistas e igualitaristas, dos direitos minoritários e a defesa da violência política como método de poder que caracteriza esse discurso. O racismo é parte significativa de seu embasamento teórico e visão de mundo. Os ideais de superioridade racial, especificamente, da supremacia de uma raça branca, permeiam a maioria das organizações de extrema direita nos países ocidentais e são fundamento “científico” dos novos movimentos da mesma estirpe (Nova Direita, *Alt-Right* etc). (BARBOSA, 2022, p. 182). Outro fator relevante para nossa análise é o ímpeto anticientífico das narrativas históricas e análises sociais da extrema direita. Práticas que no Brasil tiveram repercussões federais nos projetos para educação e universidades públicas do governo de Jair Bolsonaro (ROSIMARY et al., 2020, p. 12-14). A promoção da extrema direita brasileira de narrativas históricas anticientíficas, fundamentadas em conceitos do neofascismo global de “guerra cultural”, desencorajam o reconhecimento de eventos históricos negativos aos seus ideais de sociedade e das consequências trágicas de outras experiências de governo de extrema direita ao longo da história. Assim como, ao negarem os princípios basilares da própria pesquisa científica, atuam para produzir narrativas falsas, invenções e mitos fundantes contraditórios da história nacional e global.

O curso online vendido pelo *Instituto Licentia*, a “Verdadeira História do Brasil”, poderia ser resumido como nada mais do que um tipo de “terraplanismo historiográfico”. A começar pela capa da página inicial do site do instituto que apresenta um *design* e imagens referentes a guerras religiosas do passado (cruzadas). Pois logo ao abrirmos o site, nos defrontamos com a imagem estilizada de um cavaleiro templário medieval, apoiado em sua espada e olhando fixamente para o internauta. Atrás dele seus companheiros preparam-se para realizar um cerco militar à Jerusalém, representada ao fundo pela silhueta da mesquita de Al-Aqsa. A temática é comum em grupos de extrema direita e foi ressignificada pela *Alt-*

*Right* (direita alternativa) estadunidense. Como bem colocou Gabriel Rodrigues Barbosa em sua pesquisa sobre a ascensão da *Alt-Right* e o neofascismo norte-americano:

A superioridade branca se firma também no campo da moral e do comportamento, são condensadas através de uma postura cortês, polida, mas ao mesmo tempo inabalável e tenaz. A autoimagem que a *Alt-Right* se empenha em construir do homem branco poderia ser descrita como uma espécie de fusão entre um filósofo grego e um cavaleiro templário – o homem branco é antes de tudo, uma criatura única, que mesmo quando comete os raríssimos erros e excessos, o faz com as mais nobres das intenções (2022, p. 204).

Ao invocar os cavaleiros templários, o curso já se coloca dentro de um discurso que clama para si e seus participantes, o pertencimento dos “grandes homens” brancos cristãos do ocidente europeu. Temática pela qual é introduzido o curso. No primeiro vídeo do curso, Márcio Pichel (“professor” e presidente fundador do *Instituto Licentia*) introduz o curso em meio a mata fechada e usando um chapéu de explorador:

Você conhece a verdadeira história do país que você vive? E se você soubesse que há uma grande chance do seu país ser a Terra Prometida? Que Fenícios, Sumérios, Hebreus, estiveram no Brasil no passado? Você sabia que o Brasil Português foi completamente pautado em profecias? E visões e revelações? Você sabia que para os Portugueses de Portugal o Brasil era visto como a Terra Prometida? Assim como nós vemos nas escrituras bíblicas Israel para o povo judeu do passado<sup>10</sup>.

Acompanhando a introdução, temos o seguinte resumo do curso, assim como a divisão da história do Brasil feita pelos organizadores e que irá fundamentar a ordenação das aulas online:

A verdadeira história do Brasil foi completamente ocultada, abafada pela dialética marxista do materialismo histórico. Podemos provar isso. Você pode nunca ter ouvido falar disso nos livros de história do MEC, mas os templários portugueses chegaram ao Brasil em 1500, pois descobriram em Jerusalém que o Rei Salomão fazia viagens à Amazônia.

Dividimos a história do Brasil em quatro partes:

1. Pré História e Brasil dos Fenícios: Presença de Sumérios, Gregos, Egípcios, Cartagineses e Vikings em solo brasileiro;
2. O Brasil dos Hebreus: Presença do Rei Salomão e povoamento dos hebreus na antiga Amazônia;
3. O Brasil dos Portugueses (1500 a 1822): O Brasil não foi Colônia! Conheça o projeto Templário da Ordem de Cristo que levou à fundação do Brasil e descubra (sic) quem foram os verdadeiros pais fundadores da nossa nação;
4. O Brasil da Maçonaria (1822 até hoje): É tempo de conhecer as causas do subdesenvolvimento do Brasil e os responsáveis pelas revoluções que levaram o país até a degradante condição atual;

Prepare-se para uma jornada através da Verdadeira História do Brasil, onde as escamas de seus olhos serão completamente removidas e você se perceberá parte de um propósito eterno e profético. É tempo de Revelações e você está na Terra da Promessa!

---

<sup>10</sup> Ver link: <<https://www.institutolicentia.com/cursos/a-verdadeira-historia-do-brasil/>>. Acesso em: 02/08/2022.

O “professor” também apresenta os livros e documentos referenciais para o curso. São essas a obra, *Antiga História do Brasil de 1100 a.C a 1500 d.c* (1928) de Ludwig Schwennhagen (1862-1932) - pesquisador austríaco que migrou e viveu no norte e nordeste brasileiro; *Viagens dos navios do rei Salomão ao rio das Amazonas (Ophir, Tardschisch, Parvaim)* (1896) - texto publicado em Gênova por um nobre francês exilado no Peru, Jules Henri Onffroy (se utilizando do codinome, Dom Henrique Onffroy de Thoron); *As Duas Américas* (1900) - obra do ensaísta e historiador paraense, Candido Vieira da Costa (1855 – 1931); *A Ordem de Cristo e o Brasil* (1980) - livro do historiador paulista, Tito Livio Ferreira (1894-1988); *História do Brasil Documentada 1500-1822* (1996) - de Manoel Rodrigues Ferreira (1915-2010), irmão de Tito Livio e expoente membro do movimento de revisionismo histórico brasileiro paulistano dos anos 50-60; *Os Descobrimentos Portugueses* (1975) - de Jaime Cortesão (1884-1960), político e ensaísta português que viveu no Brasil entre 1940 e 1957; *A Evolução do Sebastianismo* (1947) - do historiador português João Lúcio de Azevedo (1855-1933); *A Maçonaria na Independência Brasileira* (1962) e *A Causa do Subdesenvolvimento do Brasil* (1963), ambos também dos irmãos Tito Livio Ferreira e Manoel Rodrigues Ferreira.

São estas obras e suas referências que embasam as aulas do curso que está dividido entre 100 horas de vídeos e atividades, com o valor de inscrição de 200 reais para acesso total durante um ano. Marcio Pichel atua como “professor” em quase todas as aulas do curso - se autodescreve como “*pesquisador no campo da cosmovisão, cosmologia, história e geopolítica. Tem vasta experiência como empreendedor no mercado internacional e possui mais de 170.000 seguidores nas redes sociais*”. Ele é auxiliado em algumas palestras pelo jornalista Leandro Da Silva Alano - que se autocaracteriza como “*Mordomo-Mor da Casa Real e Imperial lusófona Avis-Trastâmara Lisboa, que possui o direito dinástico de governar o país em caso de restauração da Monarquia segundo a constituição anterior às revoluções*” - e o youtuber de canal conspiracionista André de Pierre - “*escritor, editor da Revista Enigmas, historiador, pesquisador de campo e explorador*”. Nenhum deles possui formação acadêmica em história.

A categorização das referências bibliográficas do curso nos permite conhecer três vertentes de análise que fundamentam sua narrativa histórica. Primeiro, a vertente de análise que podemos denominar de *supremacista*. No curso, ela se faz presente pela referência aos escritos de Ludwig Schwennhagen ou *Ludovico Chovenágu* como também ficou conhecido o estranho pesquisador austríaco na cidade de Teresina quando lá residiu. Suas obras representavam, já na época de sua publicação, a retomada de uma tradição de pesquisas arqueológicas racistas dos séculos XVIII e XIX, sobre monumentos e objetos oriundos de populações nativas, que se caracterizavam pela negação da capacidade dos povos indígenas de produzir obras de alta complexidade. Como J. Langer apontou em sua pesquisa sobre a arqueologia brasileira do período imperial:

Percebemos como a arte rupestre serviu de embate para concepções totalmente divergentes acerca da natureza do ameríndio. Serão exatamente essas duas vertentes que acompanharão os posicionamentos teóricos de toda a Arqueologia no império: de um lado, uma visão material que limita a cultura indígena, caracterizando-os como inferiores e debilitados ou primitivos; de outro lado, aqueles que tentam encontrar as marcas de um passado civilizado nas então atuais sociedades indígenas e nos vestígios da Pré-História (2001, p. 16).

A fim de negar a capacidade dos povos originários de produzir artes complexas e mesmo artefatos documentais, pesquisadores europeus e americanos até consideravam

teorias de diferentes origens das populações. Raimundo José da Cunha Matos (1776-1839), militar e brigadeiro carioca, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, por exemplo, chegou a defender que a grande questão sobre os povos nativos seria definir se estes eram "aborígenes ou autochtones" (MATOS, 1863, p. 129 *apud* LANGER, 2001, p. 16). A questão era se os povos indígenas haviam surgido de modo separado do tronco humano indo-europeu (ou seja, eram parte de outra espécie por completo) ou se eram resultado de migrações ou colonização do continente. A teoria de uma suposta colonização da América anterior ao século XVI, realizada por nações da antiguidade clássica (Sumérios, Fenícios, Hebreu, Cartagineses etc.), permitiria não apenas justificar a exploração indígena, mas como também, a possibilidade da elite branca local clamar para si uma suposta herança colonial das civilizações indo-europeias.

Relatos de descobertas comprobatórias da suposta presença de Hebreus, Sumérios, Fenícios ou outras nações da antiguidade clássica supostamente superiores aos povos indígenas na América, pululavam durante o século XIX. Uma longa tradição de evidências e documentos falsos, narrativas fantasiosas e "especialistas" inventados. Como colocou, Gabriela Martin:

Na interpretação mítica das nossas origens pré-históricas, portanto, pode-se distinguir claramente três tendências dominantes: a interpretação dos textos bíblicos, as navegações dos fenícios e o mito da Atlântida, esta última relacionada com a Ilha Brasil e a lenda das Sete Cidades. Dificilmente a Arqueologia pré-científica do século XIX e dos começos do atual, deixou de seguir algum desses roteiros que, na realidade, têm sua origem no desejo de derivar culturas indígenas americanas de civilizações superiores mediterrâneas (2013, p. 27).

Supostas evidências apresentadas nos escritos, como o caso da Esfinge da Pedra da Gávea na Floresta da Tijuca no Rio de Janeiro, de inscrições Fenícias em rochedos no interior da Bahia e de inscrições Vikings na Paraíba, são reproduzidas no curso. Todas - que até chegaram a serem exaustivamente investigadas pelo IHGB da época e demais instituições arqueológicas do país - comprovadamente falsas ou simplesmente interpretações equivocadas da arte rupestre e/ou indígena.

A segunda vertente de análise encontrada no curso podemos denominar de *mística*. Presente também nas exuberantes narrativas sobre Fenícios e outros povos antigos no Brasil da arqueologia oitocentista, na qual o misticismo religioso servia como instrumento de explicar o inexplicável. Um tipo de massa corrida teórica para esconder as rachaduras de uma tese. Elemento narrativo reintroduzido ao público pelo curso, através de obras como *A Ordem de Cristo e o Brasil* (1980) de Tito Livio Ferreira e *A Evolução do Sebastianismo* (1947) de João Lúcio de Azevedo. De fato, a sociedade e o Estado Português que colonizou o Brasil, tinha profunda relação política e social com a Igreja Católica e a fé cristã. Entretanto, na análise histórica do curso, se orienta a própria fundação do país através dessa moral religiosa cristã. Não é uma análise científica do fenômeno social da fé e de sua influência na cultura colonial, mas sim, a construção de uma versão narrativa religiosa para a história brasileira. Nela, o Brasil seria, de fato, a *terra prometida aos portugueses* e as lendas religiosas messiânicas da descoberta do país tomadas como comprovação do direito divino de Portugal sobre o Brasil.

O argumento místico proposto pelo curso, porém, não deixa de ser efetivo. Na medida em que busca reafirmar signos sociais já presentes no imaginário religioso brasileiro. Existe grande variedade de pesquisas sobre o messianismo, milenarismo e

sebastianismo presente na cultura nacional. Sendo possível apontar diversos elementos constitutivos do fenômeno religioso no país:

[...] o judaísmo antigo, no Velho Testamento; o cristianismo primitivo, no Novo Testamento; o mito indígena da Terra sem Males; o catolicismo ultramontano com as contribuições de Joaquim de Flora e de Gonçalo Annes, o Bandarra; o sebastianismo; o sonho escatológico do padre Antônio Vieira; o catolicismo popular da Missão abreviada; a obra piedosa do padre Ibiapina, etc (GOMES, 2020, p. 92).

Apelos religiosos sobre o direito divino português sobre o Brasil e a associação dos que defendem a herança monárquica lusitana sobre o governo do país, com servidores da Ordem de Cristo (templários) não são coincidência. Se relacionam com a própria utilização do Estado de Israel e de sua bandeira pela “Nova Direita” brasileira. Desde sua chegada ao poder, Jair Bolsonaro em diversas ocasiões aproveitou para convocar apoiadores em manifestações políticas por vezes, descaradamente, antidemocráticas. Em muitas destas se notou o popular uso de bandeiras de Israel por seus apoiadores<sup>11</sup>. Essa correlação da extrema direita bolsonarista e o Estado de Israel não necessariamente reflete as relações do político com a Israel “real”, mas sim, com uma Israel idealizada. Visão mais próxima da “Israel Bíblica” de Salomão e do Templo de Jerusalém estudados em religiões neopentecostais, os quais idealizam “como seu modelo para o Brasil contemporâneo” (GHERMAN, 2020). No caso de Israel, a lendária Canaã; no caso bolsonarista, o Brasil europeu/português.

Misticismo que se faz presente em invenções simples como a fala do “professor” Márcio Pichel, no vídeo de apresentação do curso, explicando como o nome “Portugal” advém da junção latina dos termos “pelo/por-graal”. Sendo a fundação do reino português, nessa versão, uma clara expressão de seu “sagrado destino de busca pelo Santo Graal cristão” (desnecessário dizer que se trata da mais simples invenção). Mas que também é marcado por teorias sobre cidades de ouro perdidas na Amazônia, profecias, milagres e até a alusão a possíveis contatos extraterrestres durante e antes da colonização do Brasil. Tipo de pensamento místico religioso que demonstra consequências reais na “Nova Direita” brasileira, como o caso do grande destaque dado durante o período eleitoral de 2018, do segundo nome de Jair *Messias* Bolsonaro (ver CESARINO, 2019).

Não é recente também a associação de movimentos raciais supremacistas com teorias anticientíficas e/ou místicas sobre a formação do mundo. É reconhecida a influência de teorias místicas no próprio movimento nazista. Fundada em 1918, a Sociedade Thule (*Studiengruppe für germanisches Altertum* - Grupo de estudo para a antiguidade germânica), participou ativamente da formação do partido e de políticas de governo nazistas. A utilização de simbologia rúnica, temáticas ocultistas e formação interna de seitas secretas, fizeram parte da construção mitológica fascista (KURLANDER, 2012, p. 530-532). Crenças como, a chegada na Terra da raça alienígena *Vril* (surgida em 1870 com a publicação do livro “O Poder da Raça do Futuro” por Edward Bulwer-Lytton), que supostamente habitariam no interior do planeta (que seria oco e cuja lua seria um holograma) e se expressavam na Terra em forma de “energia” mágica que poderia ser controlada apenas pelos “homens superiores”; das filosofias raciais do arianismo (com suas

---

<sup>11</sup> Ver link: <[https://esportes.yahoo.com/noticias/por-que-bandeira-israel-simbolo-bolsonarismo-180436412.html?guccounter=1&guce\\_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2x1LmNvbS8&guce\\_referrer\\_sig=AQA-AAHM1T5HQiv\\_uC6e6aqe7k6l4NxaWeKSjogzyN2aSoQP4jnUe6YEWfhfxZKEGWGF6Q1uOD8ukVsOEMZGijrszQmraw8Xsz3PpjHA7FXG7uxf972WVsvU-FEnTZKSPTNSM6W-FT88jyxKupCnR61\\_WLv-6RIOKAyw8f8o94FfnCUNkA](https://esportes.yahoo.com/noticias/por-que-bandeira-israel-simbolo-bolsonarismo-180436412.html?guccounter=1&guce_referrer=aHR0cHM6Ly93d3cuZ29vZ2x1LmNvbS8&guce_referrer_sig=AQA-AAHM1T5HQiv_uC6e6aqe7k6l4NxaWeKSjogzyN2aSoQP4jnUe6YEWfhfxZKEGWGF6Q1uOD8ukVsOEMZGijrszQmraw8Xsz3PpjHA7FXG7uxf972WVsvU-FEnTZKSPTNSM6W-FT88jyxKupCnR61_WLv-6RIOKAyw8f8o94FfnCUNkA)>. Acesso em: 23/08/2022.

variadas versões, como a de que os alemães arianos seriam descendentes diretos dos *Vril* e/ou que seriam os únicos descendentes de Eva e Adão, sendo as outras raças filhas de Eva com demônios e/ou dos arianos como estágio biológico final da evolução do ser humano, etc.); como na crença do Santo Graal como expressão de destino ariano (o que gerou até mesmo expedições para a Antártida, África e Ásia organizadas pela *Ahnenerbe Forschungs und Lehrgemeinschaft* - Comunidade para a Investigação e Ensino sobre a Herança Ancestral, ramo da SS nazista) (ANGEBERT, 1973, p. 35-36).

O uso de runas anglo-saxãs e de simbologias ocultistas próprias, sempre foi uma das estratégias da extrema direita de disseminar, em meio a debates públicos, ideais radicais de difícil aceitação ao grande público. O indiscriminado uso da suástica, cruzeiros, caveiras, raios e runas se tornaram característica do movimento hitlerista. Enquanto isso, o neofascismo surgido no pós-segunda guerra também desenvolveu seus próprios símbolos. Como o número 88 (alusão a oitava letra do alfabeto H ou HH, *Heil Hitler*); a sigla "6MWE" ("*six million wasn't enough*" - seis milhões não foram o suficiente), referência aos mais de 6 milhões de judeus mortos no Holocausto; o número 14, por vezes em conjunto com o 88 (14/88), referência às quatorze palavras da frase "*We must secure the existence of our people and a future for white children*" (devemos assegurar a existência de nosso povo e um futuro para as crianças brancas). Também a *Alt-Right* contemporânea desenvolveu seus próprios símbolos e *memes* específicos.

Os assim chamados "*dog whistle*" (apitos de cachorro), são os códigos utilizados em uma linguagem, o qual apenas determinada parte do público consegue compreender (BARBOSA et al., 2021, p. 424-428). Na era digital, a memeficação da comunicação e o *internetês*, possibilitaram a difusão em massa de símbolos e temáticas neofascistas. Exemplos como o personagem *Pepe* (o sapo niilista); a dualidade do "Virgem versus *Chad*" ou "*beta-male* versus *alfa-male*"; o sinal de "ok" com a mão (que simboliza as letras W e P, "*White Power*" - poder branco); o leite branco ou ato de beber leite branco (referência a teoria não comprovada de que pessoas brancas, em média, teriam melhor capacidade de digerir moléculas do leite de vaca); etc. Durante o curso, o estudante/internauta é apresentado indiscriminadamente a diversas versões deste tipo de comunicação. Quando não há referências diretas a teorias do tipo, como a do *Santo Graal*, temos a construção de uma visão de mundo mística, religiosa e anticientífica, e que permite a aceitação do *conspiracionismo supremacista*.

Finalmente, chegamos na terceira vertente de análise da narrativa histórica propagada pelo curso, o *conspiracionismo*. Diante de tamanha negação do saber e do próprio método científico, é de se supor que qualquer agente da anticiência fosse questionado do porquê de tantas organizações políticas, empresas, instituições universitárias e governos negarem a sua "verdade" sobre o mundo. "Verdades" tais como: de que a Terra teria formato plano, tal como a Bíblia descreveu (MARINELI, 2012, p. 1175); de que a COVID-19 teria sido criada em laboratório por agentes chineses-comunistas (KRAMER, 2021); de que a "ideologia de gênero" estaria disseminando o marxismo-cultural via feminização dos homens (JUNQUEIRA, 2018, p. 458); de que a fórmula da Pepsi-Cola contém restos triturados de fetos humanos (MORAES, 2019); de que a teoria do Aquecimento Global, serve apenas aos interesses comunistas/globalistas/*illuminati*/semitas de desaceleração do progresso humano (ALMEIDA; CHUNG MICCA, 2012); de contatos extraterrestres entre civilizações antigas e contemporâneas; dos *illuminati*, conglomerado de organizações secretas sob supervisão de híbridos humano-reptilianos semi-imortais que dominariam o mundo via controle financeiro e tecnologia alienígena (GUERRIERO; BEIN, 2021, p. 274); das ONGs internacionais que se utilizariam da defesa do meio ambiente para

explorar o nióbio secreto localizado embaixo das terras amazônicas, de “Ratanabá” na Amazônia e seu ouro intocável ou mesmo da chegada de Fenícios, Hebreus, Vikings e outros povos no Brasil antes da colonização europeia na América.

Questionamentos que fariam enrubescer qualquer indivíduo moderno racional, mas que recebem de grupos radicalizados pela internet a mesma resposta: *conspiração!* Movimentos do tipo não são novidade na história humana, mas durante o século XX, acompanhando o desenvolvimento das tecnologias de comunicação em massa e em última instância a internet, cresceram e se multiplicaram globalmente. Este tipo de pensamento conspiratório:

[...] está enraizada em uma tendência geral de explicar e racionalizar fenômenos complexos do mundo real em um conjunto coerente de pressupostos sobre a existência de um inimigo poderoso e malvado, e ademais, destaca a necessidade de as pessoas explicarem eventos que são difíceis de compreender. Isso sugere que a crença em teorias da conspiração reflete um método sistemático de processamento de informação, que enseja uma visão de mundo geral capaz de explicar eventos tidos como ameaçadores ou desconhecidos (RESENDE et al., 2019, p. 2).

No Brasil, e em países como os EUA, podemos observar a construção acelerada e os impactos diretos de uma nova teoria conspiratória durante a pandemia global de COVID-19: o movimento antivacina (ou anticovid). O que é recorrente em todas as teorias conspiratórias atuais são exatamente sua capacidade de reprodução e assimilação pelo público online. Como colocou, Natalia Pasternak, durante a pandemia:

Quando ignoramos problemas como o *terrapijanismo*, achando que é uma piada e ninguém sério vai acreditar nisso, deixamos de perceber que muitas vezes esse tipo de pensamento conspiratório é o mesmo presente no movimento antivacina, no negacionismo [da mudança] do clima. São pensamentos muito parecidos. Não é o movimento que precisamos combater, mas o tipo de pensamento mágico ou conspiracionista. Agora, durante a pandemia, a desinformação ganhou um corpo que era impensável antes e acaba gerando problemas de saúde pública, como no caso dos medicamentos sem comprovação científica endossados pelo governo federal e, agora, essa politização das vacinas de maneira a criar uma desconfiança, como se vacina tivesse nacionalidade (PASTERNAK, 2020).

O curso não oferece resposta das razões para o suposto acobertamento da “Verdadeira História do Brasil”, mas seu silêncio deixa espaço para que tal narrativa possa ser apropriada por qualquer vertente conspiracionista. Seja por aqueles que acreditam que o mundo é governado por humanóides-reptilianos que atuam no mundo através da ONU, UNESCO e empresas multinacionais; seja por aqueles que acreditam que o mundo é governado de Pequim, através da disseminação da cultura marxista-leninista/feminista/ambientalista; seja por aqueles que acreditam que os judeus governam o mundo e a cultura através da rede bancária global e o cinema hollywoodiano. Sua razão final de ser é tornar os radicalismos e invenções mais absurdas, factíveis ou no mínimo, plausíveis aos seus estudantes.

### **Considerações finais: radicalização pela internet**

A popularização do acesso à internet e o desenvolvimento de plataformas de mídias digitais capazes de aglomerar diversas funções permitiu a participação nas redes de

comunicação por agentes e organizações que antes não conseguiam alcançar grande público para seus conteúdos. Longe de "democratizar" as mídias, a internet em sua formatação atual consegue funcionar apenas devido a grande concentração de poder midiático em algumas plataformas de comunicação digital americanas. Ao reconhecermos o seu avanço entre a população em geral, inclusive nas classes C e D brasileiras, e da facilitação ofertada por ela na produção de conteúdos de mídia para um público de artistas e criadores independentes que não teriam acesso aos centros de mídias tradicionais. Devemos atentar que a construção deste novo mundo digital, se desenvolveu e se sustenta graças a específicas disposições do mercado econômico global e sua geopolítica liderada pela influência norte-americana. O domínio dessas corporações de mídias digitais, na produção de conteúdos da internet, faz por promover seus valores políticos e princípios econômicos do neoliberalismo norte-americano.

No campo da educação, a utilização da internet se revelou como um dos meios modernos de precarização das instituições de ensino. Isso pois, a ampliação da velocidade de comunicação possibilitada por plataformas digitais de comunicação e socialização, foi aproveitada por políticas neoliberais para justificar o corte de investimentos na formação de professores e a precarização de centros de pesquisa científica. A aparente facilidade de transmissão de saberes pela internet serve atualmente como modo de justificação para a substituição da escola e universidades, para o ensino EAD. Da substituição da figura do professor e/ou pesquisador científico como referência para debates públicos sobre assuntos socialmente relevantes; para a delegação de suas funções como simples "reprodutor/mediador" do saber existente na internet. O professor/pesquisador não mais como agente da construção dos saberes em conjunto com os estudantes, mas apenas como seu "curador". Assim, a atual conjuntura de projetos governamentais neoliberais para a "digitalização" do ensino, ao buscarem substituir as instituições do saber (escolas, universidades, centro acadêmicos e de pesquisa, laboratórios, museus etc.), pelo espaço online da internet, contribuem para o enfraquecimento da figura institucional do professor/pesquisador/cientista, ou seja, do especialista fundamentado por um coletivo de pesquisas científicas verificáveis.

Somos também apresentados a outros problemas para a educação através do mundo online. Um deles é a falta de regulação da mídia, especialmente as mídias digitais. Se as instituições e redes de ensino sofrem regulamentação constitucional quanto às suas práticas curriculares, de ensino, financeiras e de gerência, o mesmo não ocorre nos espaços online de reprodução de saber. Diversos estudos já demonstraram a facilidade e efetividade do uso de plataformas digitais para disseminação de mentiras, notícias falsas, fraudes, golpes financeiros e discursos de ódio contra grupos específicos. O caso dos grupos de WhatsApp no Brasil é característico da facilidade de disseminação de *fake news*, com consequências materiais reais na política e sociedade (a eleição de Jair Bolsonaro sendo um dos exemplos disso). A configuração do espaço online contemporâneo, permite a rápida e quase incontrolável disseminação de mensagens falsas, "mensagens que dificilmente circulam com tanta amplitude, velocidade e capilaridade em fóruns tradicionais da esfera pública como a imprensa profissional, onde há maior publicidade e controle social e jurídico" (CESARINO, 2020, p. 96).

Na medida em que as políticas públicas para a educação incentivam a adoção de módulos de ensino online, EAD ou de ensino híbrido, as plataformas digitais da internet acabam por modificar em seus próprios parâmetros os modos de produção e reprodução do saber. No caso do saber científico, qualquer rápida pesquisa online permite constataremos incontáveis situações de disseminação de aberrações narrativas, evidências falsas, análises

equivocadas e o pior, a popularização de “cursos” pseudo e/ou anticientíficos. Ocorrência presente na atualidade em todas as áreas do saber, sendo o caso da história o de apenas mais outra área da ciência agredida pela promoção de falsidades no espaço online. Sendo a precarização das instituições de ensino e ciência e o desinvestimento em pesquisa científica no país capazes de permitirem que figuras como Olavo de Carvalho, Márcio Pichel, Leandro da Silva Alano, André de Pierre, Kim Katagui, Renan Santos, Filipe Valerim, Henrique Viana entre outros charlatões profissionais da internet, consigam se autointitular “professores” e não serem imediatamente rechaçados pelo grande público e centros de mídia.

O anticientificismo histórico promovido pela *Brasil Paralelo*, por exemplo, dissemina conteúdos históricos falsos e narrativas equivocadas ao grande público. Não é algo novo, nem eles são os únicos a se utilizar da história, como espaço de propagação de mentiras e interpretações politicamente viciadas. Contudo, a *Brasil Paralelo* é um caso de sucesso, exatamente, entre os disseminadores de narrções falsas sobre a história do Brasil a partir de um viés ultraconservador. Seu público é apresentado a versões da extrema direita nacional sobre os fatos históricos de nossa história, como se estes fossem consenso historiográfico. Seus “professores” e “especialistas”, apresentados em seus documentários:

Confiantes, bem vestidos e cercados de livros e móveis luxuosos, a falta de controle institucional/científico da produção, permite que esses intelectuais ou charlatões, sejam apresentados como autoridades inquestionáveis do saber. Gênios rebeldes lutando contra as universidades, contra a historiografia profissional, contra as escolas públicas, contra os governos petistas, contra os sindicatos, contra o PCO, PCB e o PCdoB, contra o Foro de São Paulo, contra a mídia corporativa supostamente dominada em segredo pelos jornalistas comunistas, enfim, contra todas as organizações imaginárias ou reais, que supostamente estão contra a “verdade” que defendem. São eles que convidam o espectador a se juntar à sua cruzada contra o mal imaginário do marxismo cultural ou da ideologia de gênero. Uma convocação para a guerra santa pela posse da narrativa histórica nacional (FINGER, 2021, p. 99).

Da mesma forma, os cursos de Olavo de Carvalho e suas obras escritas, o MBL e o Instituto Mises Brasil demonstram a popularidade deste tipo de abordagem. A utilização de palavras chulas, ofensas pessoais, bravatas e teses conspiratórias, colaborou para criar-se a percepção ao grande público (principalmente o masculino), dessas organizações e seus representantes, como “descolados” e “maneiros”. Como colocou Letícia Cesarino, é um tipo de “Populismo digital” (2020) que se desenvolve através de conteúdos, mensagens, vídeos, *memes*, símbolos, comunicações temáticas, piadas, áudios, filmes, documentários e discursos de modo online. Especialmente, a temática do “politicamente incorreto”, permite que os veiculadores da anticiência se coloquem como defensores da “verdadeira” verdade ou como perseguidos lutando contra a opressão do *establishment* (globalista, comunista, politicamente correto, feminista, gayzista, antifascista, judaísta, chinês, petista, esquerdista etc.). São conteúdos que exploram o senso comum conservador, que selecionam o desconhecimento do público para estimular estes equívocos do saber. Seja por ignorância própria ou simplesmente por má fé, atuam como agentes criadores e disseminadores de mentiras.

O *Instituto Licentia* e o curso a “Verdadeira História do Brasil” de Márcio Pichel, Leandro da Silva Alano, André de Pierre, são exemplificações menos sucedidas financeiramente e certamente versões mais toscas e cafonas do material promulgado pelo

que denominamos aqui como *portais de disseminação do ideário ultraconservador*. (Olavo de Carvalho, Brasil Paralelo, MBL e Instituto Mises Brasil). Nos cabe, porém, compreender eles como elos diferentes de uma mesma corrente de desinformação: a produção de ignorância seletiva que leva ao radicalismo ultraconservador, de conspiracionismo anticientífico, misantropia, machismo, sexismo, homofobia, transfobia e em última instância, ao neofascismo. As versões narrativas produzidas pelo curso não estão distantes do campo político ultraconservador brasileiro da “Nova Direita” representada em última instância por Jair Bolsonaro. Seus silenciamentos narrativos (daquilo que não falam ou explicam), permitem a apropriação de suas análises por versões neonazistas sobre a sociedade civil. Narrativas e análises anticientíficas, supremacistas e conspiratórias que nos permitem observar o desenvolvimento de versões extremistas sobre nossa sociedade e história. Se grupos como MBL, IMB, *Brasil Paralelo* e “olavistas” demonstram o alcance de narrativas do tipo no grande público, o curso a “Verdadeira História do Brasil” nos permite observar a direta correlação entre o anticientificismo e a disseminação de movimentos de extrema direita na atualidade.

## Referências

ALMEIDA, Rogério; CHUNG MICCA, Caio. Negacionismo ambiental em “O segredo do Bonzo” a partir das leituras de imaginário, real e ilusão em Clément Rosset. *Revista Brasileira de Educação do Campo*, Tocantinópolis, ed. 1, vol. 6, p. e12349, 2021. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/campo/article/view/12349>>. Acesso em: 12 set. 2022.

ANGEBERT, Jean-Michel. *Hitler e as religiões da suástica*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

BARBOSA, Gabriel R. “*Hail Trump! Hail our people! Hail victory!*”: A *Alt-Right* e o neofascismo nos Estados Unidos do século XXI. Dissertação (Mestrado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2022. Disponível em: <[https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/2559/projeto/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_-\\_Vers%C3%A3o\\_final-1.pdf](https://www.historia.uff.br/academico/media/aluno/2559/projeto/Disserta%C3%A7%C3%A3o_-_Vers%C3%A3o_final-1.pdf)>. Acesso em: 06 set. 2022.

BARBOSA, Vanessa F. et al. A política do apito canino sob as lentes do discurso: diálogos com o pensamento bakhtiniano. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 41, pp. 421-439, 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/21594>>. Acesso em: 10 set. 2022.

CESARINO, Letícia. Identidade e representação no bolsonarismo: 533 corpo digital do rei, bivalência conservadorismo-neoliberalismo e pessoa fractal. *Rev. Antropologia*, São Paulo, vol. 62, n. 3, p. 530-557, 2019. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%C3%A7%C3%A3o-sem-sair-de-casa.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2022.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. *Internet & Sociedade*, vol. 1, p. 92-120, 2020. Disponível em: <<https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2020/02/Como-vencer-uma-eleic%C3%A7%C3%A3o-sem-sair-de-casa.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2022.

FINGER, Vinícius. História, mídia digital e anti-ciência: a quimera narrativa do canal Brasil Paralelo. *Historiæ*, [S. l.], vol. 12, n. 2, p. 83-104, 2022. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/13477>>. Acesso em: 16 set. 2022.

FISCHER, Rosa Maria B. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 114, p. 197-223, 2001. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvZtzgg9t/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 10/08/2022.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GOMES, Antônio M. A. Fontes do messianismo milenarista brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 124, p. 79-94, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/167921>>. Acesso em: 17 set. 2022.

GHERMAN, Michel. O judeu imaginário no Bolsonarismo: Um Caso de Conversão e Desconversão e seus oponentes. *Religião e Poder*, 2022. Disponível em: <<https://religioepoder.org.br/artigo/o-judeu-imaginario-no-bolsonarismo-um-caso-de-conversao-e-desconversao-e-seus-oponent>>. Acesso em: 15 set. 2022.

GUERRIERO, Silas; BEIN, Carlos. Teorias da conspiração no movimento Nova Era. *Revista Relegens Thréskeia*, [S.l.], vol. 10, n. 2, p. 261-280, 2021. ISSN 2317-3688. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/82422>>. Acesso em: 13 set. 2022. doi:<http://dx.doi.org/10.5380/rt.v10i2.82422>.

JUNQUEIRA, Rogério D. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Rev. psicol. polít.* São Paulo, vol. 18, n. 43, p. 449-502, 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2018000300004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 set. 2022.

KRAMER, Jillian. O que há por trás da hipótese de o coronavírus ter vazado de um laboratório. *National Geographic*, 2021. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/ciencia/2021/06/covid-19-virus-novo-coronavirus-china-wuhan-hipotese-vazado-laboratorio>>. Acesso em: 12/09/2022.

KURLANDER, Eric. Hitler's monsters: the occult roots of nazism and the emergence of the nazi 'supernatural imaginary'. *German History*, vol. 30, ed. 4, p. 528-549, 2012. Disponível em: <<https://academic.oup.com/gh/article-abstract/30/4/528/574849?redirectedFrom=PDF>>. Acesso em: 12/09/2022.

LANGER, Johnni. *Ruínas e mitos: a arqueologia no Brasil imperialismo*. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2001. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/28598>>. Acesso em: 10 set. 2022.

MACHADO, Jorge; MISKOLCI, Richard. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. *Sociol. Antropol.* Rio de Janeiro, vol. 09, pp. 945-970, set.-dez., 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sant/a/q8zsjyJYW3Jf3DBFSzZJPBg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 11 set. 2022.

MARINELI, Fábio. O terraplanismo e o apelo à experiência pessoal como critério epistemológico. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*, vol. 37, n. 3, p. 1173-1192, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/74933>>. Acesso em: 10/09/2022.

MARTIN, Gabriela. *Pré-história do nordeste do Brasil*. 5. ed. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013.

MORAES, Maurício. É falso que Pepsi admitiu usar células de fetos abortados em refrigerantes. *UOL/Jornalismo: LUPA*, 2019. Disponível em: <<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2019/12/06/verificamos-pepsi-celulas-fetos-abortados-refrigerantes/>>. Acesso em: 05/09/2022.

MULHALL, Joe. *Tambores à Distância: viagem ao centro da extrema direita mundial*. São Paulo: Leya Brasil, 2022.

PASTERNAK, Natalia. “Terraplanismo e movimento antivacina são pensamentos muito parecidos”. [Entrevista concedida à] Edison Veiga. Deutsche Welle, Brasília, 28 de out. de 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/terraplanismo-e-movimento-antivacina-s%C3%A3o-pensamentos-muito-parecidos/a-55420682>>. Acesso em: 08/08/2022.

REZENDE, Alessandro T., et al. Teorias da conspiração: significados em contexto brasileiro. *Estudos de Psicologia*, n. 36, p. e180010, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/WMCCrMfL9RH6DMky8tH7fSM/?lang=pt>>. Acesso em: 12/09/2022.

ROCHA, Camila. *Menos Marx, mais Mises: o liberalismo e a Nova Direita no Brasil*. São Paulo: Todavia, 2021.

ROSIMARY, Maria S. dos S. et al. Desconstruindo a educação superior, os direitos humanos e a produção científica: o bolsonarismo em ação. *Revista Eletrônica de Educação*, [S. l.], vol. 14, p. e4563135, 2020. Disponível em: <<https://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/4563>>. Acesso em: 6 set. 2022.

### **Notas de autoria**

Vinícius Finger é Pós-doutor em Educação pelo PPGEDU da UNISC (2022), Doutor em História pelo PPGHIST da UNISINOS (2015-2019), Mestre em Educação pelo PPGEDU da UNISC (2012-2014) e Graduado em História pela UNISC (2007-2011), atual membro do Grupo de Pesquisa em Identidade e Diferença na Educação. E-mail: [vfinger2@hotmail.com](mailto:vfinger2@hotmail.com)

### **Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista**

FINGER, Vinícius. Discurso, Extrema Direita e Educação Digital: narrações da história brasileira pela “Nova Direita”. *Sæculum – Revista de História*, v. 28, n. 48, p. 120-138, 2023.

### **Contribuição de autoria**

Não se aplica

### **Financiamento**

PROSUP/CAPES

### **Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica

### **Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica

**Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**Histórico**

Recebido em 24/10/2022.

Modificações solicitadas em 22/03/2023.

Aprovado em 22/04/2023.